

ISSN 2175-9685  
Volume 9, 2023

# IX CONGRESSO ANPTECRE

PUC Campinas  
*Presencial e On-line*

19 a 21 de setembro de 2023

**A Religião  
na América Latina  
e Caribe** : conceitos, relações e perspectivas

**ANAIS DO IX CONGRESSO DA ANPTECRE**

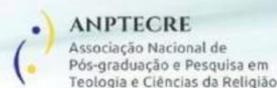
**Grupos de Trabalho**



Apoio:



Promoção:



Realização:



ANAIS DO CONGRESSO DA ANPTECRE

ISSN: 2175-9685

IX Congresso da Anptecre / 2023

Tema: A religião na América Latina e Caribe: conceitos, relações e perspectivas

Local: PUC-Campinas

Campinas, São Paulo, Brasil

ANPTECRE – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião

Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas

Os textos publicados são de responsabilidade de cada autor, bem como a revisão ortográfica, gramatical e referenciação bibliográfica. Cada autor também é responsável pelo direito do uso de imagens, gráficos e tabelas.

Projeto Gráfico e Diagramação:

Felipe de Queiroz Souto

Renato Kirchner

Capa: Tiago Lopes Parreiras

Arte do congresso: Sergio Ricciuto Conte

Contribuição: Arlindo José Vicente Junior

Equipe de gestão operacional e de atendimento:

Tiago Lopes Parreiras (Seth – Evento Dinâmico)

Vinícius Faria Pereira (Seth – PUC Minas)

Kathleen Vieira (Seth – PUC-PR)

Publicação eletrônica:

Campinas, 2023

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizzilli Pires CRB 8/6920

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

215  
C749a

Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciência da Religião (9. : 2023 : Campinas, SP)  
Anais do IX Congresso da ANPTECRE : a religião na América Latina e Caribe : conceitos, relações e perspectivas : grupos de trabalho / realização: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. – Campinas, SP : PUC-Campinas, 2023.  
1286 p.

Inclui bibliografia.  
ISSN: 2175-9685

1. Religião e Ciência. 2. Teologia - Congressos. 3. Religião - América Latina. I. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. II. Título.

CDD – 22.ed. 215

# CONSELHOS DA ANPTECRE

## **Conselho Diretor**

*Presidente:* Prof. Dr. Glauco Barsalini

*Vice-presidente:* Profa. Dra. Fernanda Lemos

*Secretária:* Profa. Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi

## **Conselho Científico**

Prof. Dr. Frederico Pieper Pires

Prof. Dr. Clóvis Ecco

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira

Prof. Dr. Marinilson Barbosa da Silva

Prof. Dr. Matthias Grenzer

## **Conselho Fiscal**

Profa. Dra. Claudete Beise Ulrich

Profa. Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Profa. Dra. Carolina Bezerra de Souza

## **Suplência do Conselho Fiscal**

Profa. Dra. Suzana Ramos Coutinho

Prof. Dr. Vítor Chaves de Souza

# COMISSÕES

## **Comissão Organizadora**

Dra. Ana Rosa Cloquet da Silva (PUC-Campinas)  
Dr. Breno Martins de Campos (PUC-Campinas)  
Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani (PUC-Campinas)  
Dr. David Mesquiati de Oliveira (FUV)  
Dr. Douglas Ferreira Barros (PUC-Campinas)  
Dra. Fernanda Lemos (UFPB)  
Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi (PUC-Rio)  
Dr. Jefferson Zeferino (PUC-Campinas)  
Dr. Marcio Cappelli Aló Lopes (PUC-Campinas)  
Dr. Marinilson Barbosa da Silva (UFPB)  
Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira (PUC-Campinas)  
Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves (PUC-Campinas)  
Dr. Renato Kirchner (PUC-Campinas)

## **Comissão Científica**

Dr. Alex Villas Boas (Pontifícia Universidade Católica do Paraná)  
Dra. Angela Ales Bello (Pontifícia Università Lateranense)  
Dr. David Mesquiati de Oliveira (Faculdade Unidas de Vitória)  
Dr. Douglas Ferreira Barros (Pontifícia Universidade Católica de Campinas)  
Dra. Dilaine Sampaio (Universidade Federal da Paraíba)  
Dra. Fernanda Henriques (Universidade de Évora)  
Dr. Frederico Pieper Pires (Universidade Federal de Juiz de Fora)  
Dr. Iuri Andréas Reblin (Escola Superior de Teologia)  
Dr. Luis Carlos Susin (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)  
Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Júnior (Universidade Estadual do Pará)  
Dra. Maria Clara Bingemer (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)  
Dr. Matthias Grenzer (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)  
Dr. Miguel Gonzales (Universidad Católica del Chile)  
Dr. Ney de Souza (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)  
Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira (Pontifícia Universidade Católica de Campinas)  
Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves (Pontifícia Universidade Católica de Campinas)  
Dr. Pedro Fernández Castela (Universidad Pontificia Comillas)  
Dr. Rudolf von Sinner (Pontifícia Universidade Católica do Paraná)  
Dr. Sinivaldo Silva Tavares (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia)

## **Comissão Editorial**

Dr. Breno Martins de Campos (PUC-Campinas)  
Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani (PUC-Campinas)  
Dr. Douglas Ferreira Barros (PUC-Campinas)  
Me. Felipe de Queiroz Souto (UFJF)  
Dr. Luís Gabriel Provinciatto (PUC-Campinas)  
Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves (PUC-Campinas)  
Dr. Renato Kirchner (PUC-Campinas)

# APRESENTAÇÃO



## APRESENTÇÃO

Com alegria e satisfação apresento os *Anais* do IX Congresso da ANPTECRE, intitulado “A religião na América Latina e Caribe: conceitos, relações e perspectivas”, que se realizou no período de 19 a 21 de setembro de 2023, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP). Trata-se de um evento que remete ao direito de associação, à epistemologia da religião e suas implicações relacionais e perspectivas, ao espaço científico no Brasil e aos afetos desenvolvidos entre as pessoas que participaram do evento e também para a constituição da “cultura do encontro”.

O direito de Associação encontra-se respaldado na história do pensamento filosófico-teológico e possibilita que as pessoas de áreas específicas e similares ou profundamente diferentes visualizem formas de conjugação epistemológica de seus respectivos saberes. Além disso, esse direito possibilita articulação política tendo em vista o bem comum não apenas de uma área científica específica, mas da ciência em geral, que, por sua vez, possui um estatuto ético que a coloca a serviço da sociedade, pensada utopicamente como fraterna, justa, imbuída de uma cultura de paz e inserida no clima intelectual e prático de uma “ecologia integral”. Por isso, a ANPTECRE é uma associação de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* que produzem conhecimento científico para que seus respectivos produtos e suas ações de extensão do conhecimento repercutam social e ecologicamente.

A epistemologia da religião se concentra na religião como objeto de pesquisa, propiciando um conjunto de “racionalidades abertas”, com sua respectiva perspectiva e que produzem diversidade conceitual referente à religião, tanto em Ciências da Religião quanto em Teologia. Resulta disso a pertinência de colocarmos a pergunta, que por mais óbvia que possa parecer sua resposta, continua sendo instigante: o que é religião? Ao debruçarmo-nos sobre esta pergunta, nós assumimos o processo de (en)caminharmo-nos num caminho metódico de rigor científico de sistematização e promoção de um diálogo epistêmico entre as ciências e um diálogo social entre as instâncias da ciência, da sociedade e das religiões. Resulta, então, uma epistemologia dialógica, construída em redes formadas por quem se põe a pensar, deixando-se iluminar pela luz da *Sapiência*, que possibilita superar, tanto na ciência quanto na

religião, o fundamentalismo, o sectarismo, o absolutismo e toda forma inibidora de abertura e de emergência do *novum*.

Ao levar o direito de associação e uma epistemologia da religião que torna a Teologia e as Ciências da Religião saberes científicos de “racionalidade aberta”, a ANPTECRE torna-se um espaço em que docentes e discentes dos Programas Associados se encontram para produzir ciência com repercussão social e ecológica. Por isso, surgiram os grupos de trabalho que se configuraram historicamente com docentes e discentes, de diferentes instituições, para construir uma tradição de pesquisa e debate sobre o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s), tendo a religião como objeto de pesquisa. A força da tradição dos grupos de trabalho possibilitou ampliar similares espaços de investigação e debate, na forma de sessões temáticas emergentes na precisão do tema específico do IX Congresso ou do espírito da ANPTECRE. Tanto os grupos de trabalho quanto as sessões temáticas, constituídos com regras epistemológicas e político-institucionais, intensificam a vivacidade dos Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Teologia e Ciências da Religião e da própria área 44 da CAPES, Ciências da Religião e Teologia, que, com o IX Congresso em todas as suas formulações e com a contribuição das Associações relacionadas à área, amadurecem no *corpus* científico brasileiro e internacional.

O afeto entre as pessoas é propiciado à medida que se constrói uma “cultura do encontro”, em que as alteridades pessoais se sentem provocadas ao encontro, para que busquem efetivar a produção científica com sua respectiva repercussão social, visando que a ciência contribua com o bem comum. No encontro, os docentes e discentes abrem-se não apenas à instigação, à pesquisa e ao debate, mas também ao desenvolvimento de laços de solidariedade e de amizade. São os afetos que propiciam o ânimo ao trabalho científico, que, muitas vezes encontra dificuldades institucionais e sociais, impulsionam à busca de projetos comuns, de enriquecimento mútuo dos Programas e de formação de redes de pesquisadores, para que a ciência, tanto em Ciências da Religião quanto em Teologia, aponte a religião, com toda sua diversidade conceitual e com seu leque de relações, como a experiência do encontro realizado na vida dos seres humanos, em seu convívio e situados no mundo, imbuídos de caráter ecológico, em que todos se inter-relacionam e se interconectam para a constituição de uma rede ecológica, denotativa da elevação da vida em todas as suas dimensões.

Por isso, o IX Congresso tornou-se um evento, que após o tempo de pandemia – que impunha a virtualidade tecnológica aos eventos científicos – em que as pessoas puderam se encontrar fisicamente e, conseqüentemente, além da ciência, desenvolver momentos afetivos tão próprio da amizade e do companheirismo acadêmico. Além disso, os colegas que se encontravam virtualmente tiveram ampla participação tanto nas Conferências e Palestras, quanto em seu respectivo Grupo de Trabalho ou Sessão Temática.

Cumprimento e agradeço a todos(as) que apresentaram oralmente sua respectiva comunicação e, principalmente, aos 294 autores e/ou coautores que submeteram seus textos para essa publicação, totalizando 274 trabalhos em GTs e STs, engrandecendo ainda mais a ANPTECRE, em sua cientificidade e contribuição acadêmica aos Programas de Pós-graduação e à própria área 44 da CAPES, Ciências da Religião e Teologia, evidenciando que a ciência pode repercutir beneficemente para elevar a dignidade ecológica da vida.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, pelo apoio de sua Administração Superior e pela presença marcante, solidária e generosa de seus(suas) funcionários(as), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, ao Conselho Diretor, ao Conselho Fiscal e ao Conselho Científico da ANPTECRE, pela confiança na Comissão Organizadora, a empresa Seth pela presença permanente na totalidade efetiva deste evento, aos docentes e discentes do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da PUC-Campinas pela constante presença e apoio.

Em especial, agradeço ao professor Dr. Renato Kirchner e ao doutorando Felipe de Queiroz Souto, pelo cuidado especial na organização destes *Anais*, aos docentes Dr. Douglas Ferreira Barros, Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani, Dr. Breno Martins Campos, Dr. Luís Gabriel Provinciatto, que desde o início se esforçaram para o êxito desta produção, levando a cabo a presente edição com amor e sabedoria.

Enfim, mesmo que se tenha conjugado inteligência e afeto nesta simples apresentação, a melhor atitude é de *Laudatio* por mais um Congresso, realizado no encontro, nas apresentações orais e nestes *Anais*, pelo envolvimento de tantas pessoas, trabalho coletivo, confiança, alegria e esperança.

**Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves**

*Comissão Organizadora*

# GT 2: RELIGIÃO COMO TEXTO: LINGUAGENS E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Paulo Augusto de Souza Nogueira (PUC-Campinas)  
José Adriano Filho (UNIDA)  
Douglas da Conceição (UEPA)  
Márcio Cappelli (PUC-Campinas)  
Cesar Carbullanca Nuñez (PUC-Chile)

A religião é parte constitutiva das primeiras formas de expressão da cultura, presente em antigos sepultamentos adornados simbolicamente, nas estatuetas portáteis de deusas, nas pinturas rupestres, entre outras manifestações pré-históricas. Diferentes abordagens científicas concordam com o fato de que estas formas simbólicas religiosas estão intrinsecamente relacionadas com as primeiras articulações da linguagem. A parceria entre linguagem e religião é, portanto, fundamental para entender as implicações de uma em relação à outra e para compreender como a religião se manifesta como texto, estruturada e traduzida em muitas formas de linguagem em relação: ritos, símbolos, narrativas, cultura visual, entre outros. Este GT pretende oferecer um fórum para a discussão de questões teóricas referentes ao papel dos símbolos, narrativas e sistemas religiosos na criação de sentido, sistemas comunicativos complexos e universos poéticos. Serão abordadas também análises de obras literárias, míticas, imagéticas, gestuais, em perspectiva da semiótica, da hermenêutica, da crítica literária, entre outras.

## A POESIA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL: INTERSECÇÃO DO TEOLÓGICO E FILOSÓFICO EM HADOT E SILVA<sup>1</sup>

Cídio Lopes de Almeida<sup>2</sup>

<D.O.I.>10.5281/zenodo.10698041

**Resumo:** A Filosofia de Vida, enquanto repertório temático presente na Área 44 da Capes, Teologia e Ciência(as) da(s) Religião(ões), mostra-se como fenômeno na fronteira entre o que seja o filosófico, enquanto atividade epistemológica, e o teológico, na medida em que os desafios de não só produzir uma atividade de conhecimento, mas de viver existencial baseado nestas construções geram implicações que também são comuns ao que é comumente registrado nas vivências religiosas. A comunicação objetiva apresentar alguns pontos nos quais orbitam o conceito de filosofia como maneira de viver de Pierre Hadot, centrada na sua proposta de que na Filosofia Antiga o importante era o vivenciar a vida segundo uma filosofia, e o fazer-se poema de Agostinho da Silva, como sendo a atividade filosófica mais importante o viver de forma poético filosófico, empenhado em urdir a si mesmo de modo poético. Nossa questão em perspectiva examina quando a filosofia para estes autores, sob o recorte de filosofia de vida, transita para o espaço temática compartilhado pelo teológico. Sobretudo na investigação dos fundamentos arquetípicos do real humano, pelo que os levam a incluir a ideia de uma filomítria no filosofar, bem como na investigação teleológica do existir, pelo que os temas da liberdade se mostram estruturante e estabelece implicações éticas. Pelo que filosofia de vida, nesta chave, mostra-se compartilhando o mesmo campo poético do que habitualmente delegamos ao teológico. Nossa metodologia será a bibliográfica.

**Palavras-chave:** Poesia; Exercício espiritual; Filosofia de vida; Pierre Hadot; Agostinho da Silva; Teológico; Expressão filosófica.

### Introdução

A comunicação está situada e em diálogo com as pesquisas de doutorado que estamos desenvolvendo a partir do tema Maçonaria enquanto fenômeno religioso baseado em Filosofia de Vida. Aqui, o nosso recorte objetiva o exercício de comparação de um tema específico, a poesia como exercício espiritual em dois autores, para poder verificar em que medida há um trânsito temático entre este fazer poético-filosófico com o teológico.

Para examinar, está proposto dividirmos a comunicação em duas partes. Na primeira, nossa atenção será expor em Pierre Hadot a ideia da poesia da verossimilhança como chave conceitual relevante na leitura do *Timeu* de Platão e como jogo poético-filosófico teológico. Para a segunda parte, através da apreciação

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentado no IX Congresso ANPTECRE: A religião na América Latina e Caribe: conceitos, relações e perspectivas,

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo. *E-mail:* cidioalmeida@gmail.com. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo – FAPES.

de alguns fragmentos de textos, verificaremos em que medida o filosofar de Agostinho da Silva nos mostra um viver segundo uma filosofia, transitando entre o poético-filosófico e a ideia do pensar como viver, em trânsito entre o tradicional pensar filosófico e o agir pastoral-teológico.

### **1. A Poesia da verossimilhança como poética teo-filosófica**

Pierre Hadot para explicar seu interesse sobre a Filosofia como um Exercício Espiritual, registra que o início se deu pela percepção de uma aparente contradição ao lidar com as obras filosóficas dos Antigo. Esta contradição se dava na sua apreciação por um duplo problema. Diz ele:

[...] cremos que, como muitas obras modernas, elas são destinadas a comunicar informações referentes a um conteúdo conceitual determinado e que podemos também tirar diretamente delas informações claras [...]. De fato, porém, elas são muito frequentemente exercícios espirituais que o próprio autor pratica e faz seu leitor praticar (HADOT, 2003, p. 16).

Ainda meditando sobre esta origem, Hadot também nos remete a sua ideia lá em 1939 oriunda de Henri Bergson: “A filosofia não é uma construção de sistema, mas a resolução, uma vez tomada, de olhar ingenuamente para si e ao redor de si” (HADOT, 2014, p. 15)

Sobre a ideia de filosofia como filosofia de vida, Hadot retomando uma citação de Filo de Alexandria (De Special, II, 44) faz avançar um pouco mais:

[...] aparece claramente um dos aspectos fundamentais da filosofia na época helenística e romana: ela é uma maneira de viver, o que não quer dizer somente que ela é uma certa conduta moral – pois se vê bem nesse texto o papel desempenhado pela contemplação da natureza –, mas que é uma maneira de existir no mundo, que deve ser praticada a cada instante, que deve transformar toda a vida (HADOT, 2014, p. 262).

Estabelecido este quadro inicial, em que textualmente situamos a ideia da filosofia como exercício em algumas citações do pensamento de Hadot, passamos para o ponto de investigação que nos interessa que é compreender melhor o que seja este exercício, pois sem ele a ideia de *filosofia como maneira de viver*, como acima citamos, poderia ser apenas um conjunto de preceitos moralizante e não propriamente filosofia.

Dentro do universo de publicações de Hadot, que se vinca no geral pelo tratamento desta perspectiva da filosofia como maneira de viver, destacamos o

artigo *Física e Poesia no Timeu de Platão*, pois nele notamos uma oportuna articulação para poder derivar os detalhes deste tipo de exercício filosófico.

De modo bem documentado, o autor nos mostra que o *Timeu* é um livro que narra a gênese não propriamente cosmológica, “[...] mas destina-se a explicar o nascimento do homem e, por sua vez, o nascimento de Atenas” (HADOT, 2023, p. 06). Ideia que faz avançar para o fato de que neste caso se trata de uma cosmogonia e seu centro narrativo é a condição humana e não uma teoria física. Dato que é disto que se trata, a narrativa do *Timeu* “[...] pertence ao mesmo gênero literário que o livro bíblico da Gênese” (HADOT, 2023, p. 06). Estabelecido esta primeira perspectiva, o argumento do autor avança para investigar que tipo de gênero literário em efetivo se pratica no *Timeu* enquanto gênese cosmogônica. Em torno da palavra “*eikos logos*” (εἰκὼς λόγος), traduzido por Hadot como discurso de verossimilhança, será desenvolvido a estratégica para explicar como uma prática poética, baseada não só numa contemplação da realidade como uma física (*physis*), mas enquanto real mítico (teológica) e filosófico, isto é, um *mytos logos*.

Neste processo de criação narrativa da gênese ideal que relata o *Timeu*, Hadot recorre a Aristóteles para remarcar que esta narrativa só pode ser verossímil, dado que “a poesia narra o que é universal”, e por isto ela não narra o individual, objeto da história, “mas como eles teriam ou deveria ter acontecido” (HADOT, 2023, p. 08). A narrativa do *Timeu* neste sentido é como modelos ficcionais para se pensar o presente. “Fábulas verossímil que reconstitui o que pode ter sido e o que deve ter sido” (HADOT, 2023, p. 08), postos em perspectiva de explicar o presente ou imediato. E neste exercício criativo poético, recoloca a ideia de *mimesis* para além daquele sentido de cópia ou de uma prática menor. Percebido nesta chave, Platão no *Timeu*, “utiliza meios diversos para fornecer esse modelo verossímil” (HADOT, 2023, p. 10). E só nesta chave da verossimilhança é que podemos notar seu trânsito entre elemento de matemática, física no estilo pré-socrático, e a figura de um Demiurgo, já na esfera que posteriormente tendemos a ver como teológico.

Por fim, Hadot põe em tela o desafio e mesmo a ousadia do humano em querer pela poesia desvendar a natureza. Citando o diálogo/obra Sofista de Platão remarca que: “A natureza gera seres vivos com uma razão e um conhecimento divino que vêm de Deus” (HADOT, 2023, p. 11). Pelo que é vedado de todo modo que o homem possa também compreender estes segredos da natureza. E a tática para o

humano burlar esta barreira consiste em “mimá-la em palavras, ou seja, realizar ele mesmo uma mimesis desta mimesis. Portanto, é necessário criar a fábula verossímil” (HADOT, 2023, p. 11). Ideia que será situada por Hadot no contexto do valor da escrita versus a oralidade dialogada em Platão.

Os diálogos ocupam um lugar estratégico neste projeto dialético na direção do real. Havendo dois tipos de diálogos, um em que podemos dizer que ele permite o engajamento do leitor. Permitindo que ele participe ou tenha a “ilusão de participar ele mesmo [...] da luta dialética” (HADOT, 2023, p. 13). Outro tipo de diálogo é aquele que funciona mais como um monólogo de cunho retórico persuasivo, pelo que este seria mais escrito no sentido negativo dentro do pensamento de Platão. Por outro lado, a oratória dialética por várias vias se coloca como uma *psicagogia* da Alma, uma condutora desta ao Todo. A discursividade do *Timeu*, utilizando-se de um jogo, no qual a narrativa mítica se mostra como meio, “[...] coloca a Alma de volta no Todo para explicar a posição da Alma no Corpo” (HADOT, 2023, p. 15). Neste quadro, a física do *Timeu* é posta como estratégia de influência das almas, passando pela política e culminando “à conversão filosófica” (HADOT, 2023, p. 15).

Articulando este jogo, esta tessitura que se mostra na própria vida, Hadot portanto nos indica que está era a perspectiva que permitia saltar para a compreensão do próprio fundamento da realidade na poética do *Timeu*. Ideia que ele também registra na Teologia de Proclo acerca dos alguns diálogos de Platão e também no *Timeu*. E, em conclusão, Hadot nos encaminha para compreender que “este jogo sagrado é uma oferenda poética ao Poeta do Universo, e esta oferenda é um exercício espiritual” (HADOT, 2023, p. 16). Aqui a física é uma meteorologia, “uma visão universal e imaginativa do Universo” (HADOT, 2023, p. 17), que ao ser contemplada eleva a alma; ela é entranhada desta grandeza por este jogo contemplativo.

Para além de uma esfera puramente mística desta contemplação, para Hadot este discurso verossímil inaugura duas tradições temáticas: “o Mundo como Poema, o Poema como Mundo” (HADOT, 2023, p. 19). Sendo o primeiro mais ligado a procurando dos sinais da natureza. E uma segunda tradição ocupada em recriar no poema o Cosmo mesmo ou “de alguma forma encapsular o Cosmos [...] dentro dos

limites de um microcosmo literário” (HADOT, 2023, p. 19), investigando a correlação entre as regras do poema e as da própria natureza.

## **2. Agostinho da Silva: um luso-brasileiro a viver segundo um poema**

Para o pensador George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994), que afirmou, no contexto de uma entrevista televisiva, ser o mais importante *fazer-se poema*, consideramos que é exista alguns desafios para pesquisar a sua obra literária. Em primeiro lugar e considerando que sua fala tenha sido coerente com o seu próprio viver, sua obra não estaria apenas em textos. Se em Hadot temos obras a tratar dos temas da poesia de modo discursivo, aqui devemos estar atentos com esta indicação e que os aspectos biográficos também serão parte da obra do autor. Ademais, mesmo a produção escrita que seja perpassada por esta ideia de filosofia como poesia terá outra feição, que de arranque já nos faz lembrar a dileção de Platão pelo diálogo vivo e o escanteio da escrita com propósito de apenas convencer o leitor, admitindo a escrita apenas na medida em que ela imita os diálogos vivos e dialético. No caso aqui em análise, este caráter de diálogo e proximidade com a vida vinca a manifestação do seu trabalho literário que é sob a ótica discursiva eminentemente dispersa.

Para os objetivos desta comunicação colocamos em tela dois dos seus diálogos, *Conversação com Diotima e Pólicles* que, segundo Amon Pinho, são de inspiração platônica e neste sentido é ponto de contato com a eleição do texto de Hadot feita na primeira parte. Nossa referência, sobretudo da moldura crítica da sua fortuna literária, serão os trabalhos de dois estudiosos do seu pensamento. A primeira referência está em *Textos e Ensaios Filosóficos I*. Edição crítica feita pelo Prof. Dr. Paulo Borges, docente da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. A segunda fonte para os diálogos está no volume *Filosofia Enquanto Poesia*, fruto da edição crítica no Brasil feita pelo Prof. Dr. Amon Pinho, docente da Universidade Federal de Uberlândia, onde também dirige a Cátedra Agostinho da Silva.

De modos variados a filosofia e a poesia aparecem em Agostinho da Silva. Se por um lado o autor refuta “oralmente e por escrito [...] as designações de filósofo e filosófico” (SILVA, 1999, p. 09) devemos compreender este posicionamento a partir da sua formação. Licenciado (1928) e doutoramento (1929) em Letras na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, apreendeu deste contexto “[...] a recusa do

especialismo(*sic*) em prol do ideal neo-renascentista de um homem total, a possibilidade da ‘inteira fusão’ do ‘divino’ e do ‘humano’, o sentido da Verdade como constante caminho superativo[...]” (SILVA, 1999, p. 11). Será neste contexto que a ideia não só de filosofia, mas de poesia e de uma teologia entrelaçam e que por filosofia como poesia em Agostinho da Silva “[...] exerce-se [...] como *poiesis*, quero dizer, ‘criação’, ‘fabricação’, ‘confecção’” (PINHO, 2020, p. 419).

Esta ideia da filosofia nos leva à concepção de filosofia como maneira de vida, no diálogo *Pólicles*, a personagem homônima, que é a protagonista, assim arremata o que seja esta filosofia: “[...] não confundas pensar com o dizer pensamento; seria tão grosseiro como não distinguir Homero dos rapsodos e Lísias dos réus dos tribunais. Pensar é viver: ao pensamento perfeito corresponde a perfeita vida” (SILVA, 1999, p. 186). Neste ponto, o viver pautado pela perfeita vida longe de ser um esquema simplista do real enquanto reflexo do ideal, pode ser perspectivado na ideia que Hadot desenvolve sobre o diálogo de verossimilhança a partir do *Timeu* de Platão. O arquétipo enquanto narrativa verossimilhante, enquanto modelo possível, se mostra na tessitura do diálogo se colocarmos a está primeira ideia em relação ao que é dito na página seguinte do mesmo diálogo: “O que interessa na vida não é prever os perigos das viagens; é tê-las feito. Falhado, Platão vale mais do que nós, que não falhamos porque não erguemos o braço nem a voz; ficará conhecendo-se melhor” (SILVA, 1999, p. 187). A ideia desenvolvida anterior e posteriormente a esta citação está contextualizada no interior do diálogo se Platão deveria ou não ter ido levar a Filosofia a Reino do Tirano Dionísio, que ao final acaba por torná-lo prisioneiro e escravo. Mencionando de modo direto o termo arquétipo em torno da discussão de como Fídias, o celebre escultor da Grécia Antiga, teria logrado êxito no seu trabalho, pois “conseguiu realizar a deusa esculpindo-a apenas segundo o seu ideal, segundo o arquétipo que se lhe ergueu no espírito logo à primeira vez que o projeto o seduziu” (SILVA, 1999, p. 180)

Ao longo do diálogo *Conversação com Diotima*, em particular a personagem de nome Estrangeiro, iremos verificar vários pontos de contato com os temas da poesia platônica do *Timeu*, segundo a leitura feita por Hadot. De modo pedagógico a abertura se dá por Diotima a afirmar que o Estrangeiro pouco tem praticado a leitura. Em torno deste tema, do que é propriamente ler livros escritos ou ler o mundo, podemos verificar a ideia da poética que procura antes de tudo ler os sinais

das regras da natureza, e não havendo outro caminho para a criatividade neste terreno. Inserindo nos no debate da *mimesis* criativa da narrativa verossimilhante. A resposta que Agostinho da Silva coloca na boca da personagem Estrangeiro, que é o ponto inicial da arquitetura da dramatização do diálogo, não nos deixa dúvidas. Em resposta ele nos diz: “É certo, Diotima; e estava perguntando a mim próprio como se pode ler diante deste céu e deste mar” (SILVA, 1999, p. 123). Em resposta, a personagem Diotima relata o estranhamento com quem acha que a poética seja uma atividade subjetiva, permitindo-nos derivar uma censura à ideia de um sujeito autônomo, nos moldes demarcados na tradição filosófica a partir do *cógitio* em Descartes. Agostinho assim coloca na fala da personagem: “Há quem o faça; e quando chego perto deles e o estranho, respondem-me que têm dentro em si, nas ideias e nos sonhos que as palavras levantam, paisagem mais bela que a de todas as vagas e todos os céus e todas as rochas” (SILVA, 1999, p. 123).

Esta opção pela leitura fora de si, para além de uma aparente alienação, e, portanto, um desleixo pelo tema da verdade, mostra o que pensa Agostinho da Silva sobre a atividade poética. “O fato de não procurar em ti a verdade não leva a concluir que não procure; em segundo lugar, creio que seria problema importante o de sabermos até que ponto temos sempre a poesia, não a verdade” (SILVA, 1999, 140). Amon Pinho neste contexto indica que o importante “era a da trama do discurso filosófico entretecido à urdidura empírica da vida” (PINHO, 2020, p. 425). Pelo que o objetivo, que passa por uma meditação da física, do mar e da rocha lá fora, culminará com os interesses, segundo Amon Pinho, desta maneira de poetizar: “trabalhar com almas do que o trabalho com palavras” (PINHO, *In.* SILVA, 2021, p. 420).

Em conclusão deste recorte, Amon Pinho delineia bem o que parece-nos ser a poética de Agostinho da Silva que tem como proposta ir além dos demarcados *penso logo existo* de Descartes ou o viver para depois pensar de Nietzsche, “à maneira de síntese superior, propõe uma superação (no sentido dialético de *Aufhebung*) que inclui pensamento e vida. Pensamento e vida perfazem-se mutuamente” (PINHO, 2020, p. 426).

## **Conclusão**

A comunicação objetivou explorar o tema da poesia em recortes da obra de dois autores. Ademais, esta poesia como atividade foi examinada na imbricação de três campos temáticos, além dela, a filosofia e a teologia. Pode-se notar que entre Hadot e Silva há um interesse que vai além da obra de Platão, mas sobretudo confluem na ideia de filosofia como maneira de vida. No caso de Agostinho da Silva, mais inserido no circuito das pesquisas da Filosofia Luso-brasileira, como bem nos indica o intérprete Amon Pinho, a filosofia é compreendida no “paradigma helênico-helenístico da filosofia como maneira de viver” (PINHO, 2021, p. 226), ponto comum às investigações de Hadot.

Para além dos aspectos de recorte histórico do interesse de pesquisa dois autores, a ideia de poesia como atividade, como narrativa verossimilhante, é destacada discursivamente em Hadot, mas é em Agostinho da Silva que ela ganha aspecto de performance, isto é, o autor ao criar diálogos fictícios, performance na escrita um dizer na forma e no conteúdo. De resto, o tema que pode ser considerado objeto do pensamento teológico em nossos dias aparece em especial na medida que o jogo poético procura pela discursividade verossimilhante comunicar-se com o que engendra o real. No horizonte, desta contemplação da física destacado por Hadot, mas também nos diálogos selecionados de Agostinho da Silva irão aparecer de modo variado.

Finalizamos nossa comunicação indicando que o trânsito entre filosofia, poesia e teologia, enquanto atividade reflexiva interdisciplinar, teve um lugar relevante no pensamento de Proclo Lício (412-485 dC) (PROCLO, 2011), especialmente na Teologia Platônica. Por fim, para o Prof. Limas Vaz: “A teologia, [...] é uma grandeza cultural na história da cultura do Ocidente. Creio que é uma grandeza constitutiva da tradição, sobretudo, filosófica: o termo ‘teologia’ nasceu da filosofia, é um termo criado por Platão” (LIMA VAZ, 1997, p. 85). Sinalizando que o campo em comum entre filosofia e teologia seria o “supra-sensível [...] um domínio no qual o problema teológico se apresenta o problema da ordem das realidades e toda ordem supõe um princípio ordenador, tornando-se então, de alguma maneira, uma teologia” (LIMA VAZ, 1997, p. 85). Ideias presentes tanto nas análises que Hadot faz sobre o *Timeu* de Platão, quanto nas ideias de filosofia de vida em Agostinho da Silva presente nos dois diálogos que tomamos em análise.

**Referências**

HADOT, Pierre. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. Trad. Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2014.

HADOT, Pierre. *Física e Poesia no Timeu de Platão*. Trad. Cídio Lopes de Almeida. São Paulo: AMF3 Escola de Filosofia, 2023. Disponível em: <<https://amf3.com.br/fisica-e-poesia-no-timeu-de-platao/>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Filosofia e forma de ação. *Cadernos de Filosofia Alemã* 2, p. 77-102, 1997.

PROCLO. *Teología platónica I-III*. 1.a ed. Buenos aires: Losada, 2011.

SILVA, Agostinho da. *Filosofia enquanto Poesia: Sete cartas a um jovem filósofo, Conversação com Diotima, Filosofia nova e outros escritos*. Organização de Amon Pinho. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2021. [E-book].

SILVA, Agostinho da. *Textos e Ensaios Filosóficos I*. Critério da Edição e Estudo Introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges. Lisboa: Âncora Editora, 1999.